

Índice

Nota Introdutória	9
MODOS DE REPRESENTAÇÃO	
Sobre os Espelhos	15
O Signo Teatral	44
A Linguagem do Rosto	51
A Ilusão Realista	61
O Milhão: Descrever o Ignoto	67
As Tentações da Escrita	73
Da Má Pintura	79
Dez Modos de Sonhar a Idade Média	84
ENTRE EXPERIÊNCIA E CONSUMO	
O Grupo 63, o Experimentalismo e o Vanguardismo	99
O Texto, o Prazer, o Consumo	111
O Tempo da Arte	121
A Inovação no Serial	131
Elogio do « <i>Monte Cristo</i> »	153
CONJETURAS SOBRE MUNDOS	
A Abdução em Uqbar	169
Os Mundos da Ficção Científica	181
Retrato de Plínio na Juventude	188
A Combinatória dos Possíveis e a Aproximação da Morte	205
ENTRE POESIA E PROSA	
A <i>Epístola XIII</i> , o Alegorismo Medieval, o Simbolismo Moderno	223
O Signo da Poesia e o Signo da Prosa	250

Pirandello Ridens	268
Mas o Que É Este Campanile?	278
DISCURSOS SOBRE AS CIÊNCIAS HUMANAS	
Huizinga e o Jogo	289
Signos, Peixes e Botões. Notas sobre Semiótica, Filosofia e Ciências Humanas	307
O Antiporfírio	339
Referências bibliográficas	367
Referências	369

Nota Introdutória



Se tentasse mostrar que este livro tem uma fisionomia unitária e foi pensado como um discurso homogêneo, procuraria valer-me desses espelhos¹ a que, por pura sinédoque, ele vai buscar o título.

O livro recolhe ensaios de estética, interpretações de fenómenos da cultura popular, leituras críticas de textos e escritos filosóficos e semióticos.

Efetivamente, reuni aqui uma série de intervenções, mais ou menos ocasionais (como atestam as referências incluídas nas pp. 411 e segs.), em que os temas eram impostos ou sugeridos pelo convite para participação num convénio, por um pedido de prefácio, por um dever/prazer polémico, por um livro cuja recensão tinha de fazer.

Se reuni estes escritos é porque creio que eles vieram reforçar ideias que me são caras ou me serviram para esboçar outras. E como muitos deles já não são fáceis de encontrar, agradava-me a possibilidade de os repor em circulação. Já para não falar dos que se podem considerar inéditos, pelo menos em italiano.

Alguns são intervenções académicas, outros (poucos, e agora reelaborados) foram intervenções em jornais; a maior parte está a meio caminho, ou seja, o tema é trabalhoso mas o tratamento sacrifica as notas e as citações a favor de uma maior imediatez. Espero que sejam todos igualmente legíveis. Hesitava em inserir os da última secção, indubitavelmente mais árduos, mas pareceu-me que afinal se ligavam aos precedentes, por um lado, e a outros livros meus mais recentes, por outro.

Ao reuni-los, dei-me conta de que se repercutiam uns nos outros, chegando por vezes quase a repetir-se, e eram percorridos por correntes

¹ *Arrampicarsi sugli specchi* tem, em italiano, o sentido figurado de tentar dizer ou fazer coisas difíceis ou impossíveis recorrendo a expedientes ou truques. (N. T.)

temáticas comuns. Aliás, não era de espantar, não só porque todos eles saíram do mesmo punho, ou foram quase todos escritos no mesmo arco de tempo, mas também porque é normal (e justo, e útil) que um autor, de conferência em conferência, de discussão em discussão, escrita ou oral que seja, vá acumulando experiências, se afeiçoe a exemplos que lhe pareçam mais apropriados, opere transferências ou migrações de pontos de vista...

Procurei então agrupá-los por núcleos temáticos, também para ajudar o leitor a orientar-se. Estes núcleos, ou secções, valem o que valem, e não será difícil encontrar muitas vezes uma relação assaz estreita entre dois ensaios colocados em secções diversas.

Em conclusão, e volto a repeti-lo, não tento apresentar estes textos como capítulos, rigorosamente coordenados, de um discurso coerente. Penso é que podem ser encarados como uma galáxia de observações não totalmente desconexas, entre as quais o leitor poderá estabelecer as ligações que lhe parecerem oportunas.

Não penso dever desculpar-me pelas desigualdades estilísticas. De acordo com as respetivas origens, alguns escritos são mais difíceis e elaborados, outros têm um tom de nota ou de conversa mais ligeira. A unidade estará antes no cerne dos problemas. De qualquer maneira, quase nenhum destes escritos surge exatamente com a forma com que foi publicado originariamente. Ao tentar reuni-los, fiz cortes para eliminar repetições, acrescentei, nalguns casos refundi textos diversos que tinham um tema comum.

De qualquer maneira, o leitor virgem de tecnicismos semióticos e mais interessado nas questões sobre a arte e sobre as comunicações de massas pode evitar ler os escritos da última secção. Sobreviverá igualmente.

Milão, junho de 1985

Modos de Representação



Sobre os Espelhos¹

1. *A imagem refletida é um signo?*

Os espelhos são fenómeno semiósico? Ou: as imagens refletidas pela superfície dos espelhos são signos? Podia acontecer que estas perguntas não fizessem sentido — no sentido de que o bom senso imporia que se respondesse que os espelhos são espelhos. De qualquer forma, não será inútil levantar a questão: podia fazer pouco sentido descobrir que as imagens especulares também são signos, mas já podia fazer mais sentido descobrir que e porque *não* o são. Mesmo admitindo que já saibamos tudo sobre os espelhos, excluí-los da família dos signos poderia levar-nos a definir melhor um signo (ao menos pelo que ele não é).

Naturalmente interessaria, primeiro, estabelecer o que se entende tanto por «signo» como por «espelho». Mas logo se levanta a questão de saber se as duas definições não estarão de algum modo ligadas, e circularmente: de forma que não se saberia se partir dos espelhos para definir os signos, ou dos signos para definir os espelhos. O que é que nos garante que, partindo de uma definição de signo, ela não esteja já construída de modo a excluir os espelhos? Pareceria mais fácil partir dos espelhos (considerando que a ótica fala já deles, hoje em dia, de modo objetivamente incontrovertível): mas até mesmo definir o que é um espelho, excluindo o que o não é, pode depender de certos pressu-

1 O leitor encontrará neste ensaio, e no resto do livro, a oposição entre *semiose* e *semiótica*. A semiose é o fenómeno, típico dos seres humanos (e segundo alguns também dos anjos e dos animais), pelo qual — como diz Peirce — entram em jogo um signo, o seu objeto (ou conteúdo) e a sua interpretação. A semiótica é a reflexão teórica sobre o que seja a semiose. Assim, o semiótico é aquele que não sabe nunca o que seja a semiose, mas está disposto a apostar a vida em como ela existe.

postos prévios, por mais inconfessados que sejam, sobre a natureza dos fenômenos semióticos enquanto fenômenos diversos dos especulares.

Para estabelecer uma prioridade não existem bons argumentos filogenéticos. Que o homem seja um animal semiótico parece coisa assente, mas dizê-lo não exclui que ele o seja justamente devido a uma ancestral experiência especular. É verdade que o mito de Narciso parece pôr em cena um animal já falante, mas até que ponto nos podemos fiar nos mitos? Do ponto de vista filogenético, a questão é semelhante à do ovo e da galinha, ou à das origens da linguagem. Na ausência de registros precisos sobre o «*momento auroral*» da espécie, o melhor será não ir mais longe. Também do ponto de vista ontogenético as garantias são escassas. Por um lado, não temos a certeza se é a semiose que funda a percepção ou a percepção que funda a semiose (e portanto se é a semiose que funda o pensamento ou vice-versa). As reflexões de Lacan sobre o estágio do espelho sugerem-nos que percepção (ou pelo menos percepção do próprio corpo como de uma unidade não fragmentada) e experiência especular se processam a par e passo. E eis que percepção, pensamento, consciência da própria subjetividade, experiência especular, semiose, surgem como momentos de um nó bastante inextricável, como pontos de uma circunferência a que parece difícil atribuir um ponto inicial.

2. O imaginário e o simbólico

As páginas de Lacan sobre o estágio do espelho parecem resolver à partida o nosso problema. O espelho é um fenômeno-limiar, que marca os limites entre imaginário e simbólico. Entre os seis e os oito meses a criança confronta-se com a própria imagem refletida no espelho. Numa primeira fase confunde a imagem com a realidade, numa segunda fase apercebe-se de que se trata de uma imagem, numa terceira compreende que é a sua imagem. Neste «assumir jubilatório» da imagem, a criança reconstrói os fragmentos ainda não unificados do próprio corpo, mas o corpo é reconstruído como algo de externo e — diz-se — em termos de simetria invertida (conceito a que havemos de voltar).

A experiência especular emerge ainda do imaginário, tal como do imaginário emerge a experiência do ramo de flores produzido como imagem ilusória pelo espelho esférico descrito em «Tópica do Imaginário»². O domínio imaginário do próprio corpo que a experiência do

2 Jacques Lacan, *Il seminario* [O Seminário], I, Turim, Einaudi, 1978.

espelho permite é prematuro em relação ao domínio real: o «desenvolvimento verifica-se só na medida em que o sujeito se integra no sistema simbólico, nele se exercita, nele se afirma mediante o exercício de uma palavra verdadeira» (p. 107). Recorde-se, de passagem, que o que Lacan chama o simbólico é o semiósico, ainda que se trate de um semiósico identificado com a linguagem verbal. No assumir jubilatório da imagem especular, manifesta-se uma matriz simbólica em que o eu se precipita em forma primordial e é a linguagem o que deverá restituir-lhe a sua própria função de sujeito *no universal*³.

Como veremos, esta restituição «no universal» deveria ser própria de todo o processo semiósico, mesmo se não verbal. Momento em que se perfila a «passagem» do eu especular ao eu social, o espelho é «encruzilhada estrutural» ou, como dizíamos, fenómeno-limiar.

3. *Entrar pelo espelho*

No entanto, se é verdade que estas conclusões são válidas, elas apenas nos dizem o que é (ou melhor, para que serve) o espelho num momento particular, único e irrepetível, da ontogénese do sujeito. As reflexões sobre o estádio do espelho não excluem, de facto, que em estádios superiores do desenvolvimento da vida simbólica o espelho possa ser usado como fenómeno semiósico. Por isso nos convirá agora tentar um percurso diverso. Não a interrogação sobre um momento auroral ou primário (seja ele filo ou ontogenético) mas sobre o uso que os humanos adultos fazem dos espelhos — humanos adultos que já produzem signos, que já se assumem como sujeitos e, sobretudo, que já têm familiaridade com as imagens especulares. Encarando o problema neste estádio, poderemos valer-nos das experiências quotidianas próprias, no sentido de uma redução fenomenológica, sem termos de interrogar as (inverificáveis) dos nossos antepassados ou as (definidas conjeturalmente, com base em dados externos) dos nossos recém-nascidos. Só que o problema é, uma vez mais, se partir da experiência do espelho ou da do signo.

Se é de círculo que se trata, tanto fará entrar por este ponto ou por aquele. Decidimos entrar pelo espelho (como veremos, sem ficar *lá dentro*) dado que a ótica parece saber muito sobre os espelhos, ao passo que o que a semiótica sabe sobre os signos é duvidoso.

3 Jacques Lacan, *Scritti* [Escritos], Turim, Einaudi, 1974.

4. *Fenomenologia do espelho: os espelhos não invertem*

Definimos inicialmente como espelho toda e qualquer superfície regular capaz de refletir a radiação luminosa incidente (excluem-se portanto «espelhos» para outros tipos de ondas, como os pontos rádio). Estas superfícies podem ser planas ou curvas. Entendemos por espelho plano uma superfície que fornece uma imagem virtual, direita, virada (ou simétrica), especular (de dimensões iguais às do objeto refletido), sem quaisquer aberrações cromáticas. Entendemos por espelho convexo uma superfície que fornece imagens virtuais, direitas, viradas e reduzidas. Entendemos por espelho côncavo uma superfície que: *a*) quando o objeto está entre o foco e o espectador, fornece imagens virtuais, direitas, viradas, aumentadas; *b*) quando o objeto varia de posição, do infinito para a coincidência com o ponto focal, fornece imagens reais, invertidas, aumentadas ou reduzidas conforme os casos, em diversos pontos do espaço, que podem ser observadas pelo olhar humano ou colhidas por um ecrã. Não se consideram aqui os espelhos paraboloides ou elipsoides, esféricos ou cilíndricos, por não serem de uso comum na nossa experiência quotidiana, e os seus resultados eventuais serão aliás contemplados nas rubricas genéricas de espelhos deformantes e de teatros catóptricos.

Desde logo, nestas definições, importaria averiguar o significado de termos como «virtual» e «real». A imagem real dos espelhos côncavos é, do ponto de vista do senso comum, irreal, e se se lhe chama «real» é não só porque o sujeito que a apreende a pode confundir com um objeto fisicamente consistente, mas também porque pode ser colhida por um ecrã, o que não sucede com as imagens virtuais. Quanto à imagem virtual, dá-se-lhe esse nome porque o espectador a apreende como se ela estivesse dentro do espelho, embora o espelho não tenha obviamente nenhum «dentro». Mais curiosa ainda é a definição segundo a qual a imagem especular seria «virada», ou simétrica, ou ainda — como normalmente se diz — de simetria invertida. Esta opinião (de que o espelho põe a direita no lugar da esquerda e vice-versa) está tão arreigada que até já se chegou a sugerir que os espelhos tenham o curioso dom de trocar a direita pela esquerda mas não o alto pelo baixo. A catóptrica não permitiria com certeza chegar a esta conclusão: se, em vez de estarmos habituados a espelhos verticais, praticássemos frequentemente espelhos colocados horizontalmente sobre o teto, como usam os libertinos, convencer-nos-íamos de que os espelhos trocam também o alto pelo baixo, mostrando-nos um mundo de pernas para o ar.

Mas a questão é que nem sequer os espelhos verticais viram ou invertem. O espelho reflete a direita exatamente onde está a direita e a esquerda onde está a esquerda. É o observador (ingénuo, mesmo quando faz de físico) que por identificação imagina que é o homem dentro do espelho e, vendo-se, se dá conta de que traz, por exemplo, o relógio no pulso direito. Mas o facto é que só o traria se ele, o observador, fosse aquele que está dentro do espelho (*Je est un autre!*). Quem, no entanto, evitar comportar-se como a Alice e não penetrar dentro do espelho, não cairá nesta ilusão. A prova é que todos conseguimos, de manhã, na casa de banho, usar eximamente o espelho sem nos comportarmos como espásmicos. Já nos comportamos como espásmicos quando, querendo cortar as patilhas, usamos espelhos laterais contrapostos, e ficamos com imagens que (reflexões de reflexões) têm a direita onde sentimos ter a direita e vice-versa. Sinal de que o nosso cérebro se habituou a usar os espelhos e de que eles refletem fielmente o que têm à frente, tal como se habituou a inverter a imagem retínica que, essa sim, é mesmo invertida. Só que teve milhões de anos (e muitos compreendidos antes da aparição do *Homo sapiens*) para se habituar a inverter a imagem retínica, e de tal modo que a reflexão crítica durante milénios nem sequer suspeitou deste fenómeno, mas dispôs de apenas poucos milhares deles para se habituar à imagem especular. Portanto, no plano percetivo ou motório interpreta-a corretamente, mas no plano da reflexão conceptual não consegue ainda separar por completo o fenómeno físico das ilusões a que ele induz, numa espécie de desfasamento entre perceção e juízo. Assim, usamos a imagem especular de forma correta mas falamos dela ainda de forma incorreta, como se fosse ela a fazer aquilo que de facto somos nós a fazê-la fazer (ou seja, virar-se). Se reduzirmos o fenómeno especular a um puro esquema abstrato, dar-nos-emos conta de que não se dão fenómenos tipo câmara escura (Fig. 1) mas sim fenómenos em que nenhum raio se cruza (Fig. 2). Só se antropomorfizarmos o que no esquema corresponde ao objeto real é que este objeto adquire consciência de uma direita e de uma esquerda

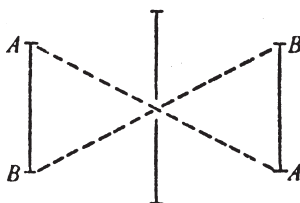


Figura 1